

ENUNCIAÇÃO AFORIZANTE NO MANUSCRITO MEMÓRIA

Eliane Faria Hruschka¹

Resumo: O presente trabalho tem como suporte teórico-metodológico a Análise de Discurso Francesa e é fundamentado pelas hipóteses de Dominique Maingueneau, principalmente, nas que têm por objetivo compreender a enunciação aforizante. Com elas, procuramos analisar alguns dos enunciados contidos no acontecimento discursivo do manuscrito “Memória sobre o Plano de Guerra Offensiva e Deffensiva da Capitania de Matto Grosso” (SERRA, 1800), que apresentamos como *corpus*. Ativemo-nos, mais intensamente, à concepção de *enunciação/enunciado* e *enunciação aforizante destacada por natureza*, que tomamos como alvo nesta reflexão discursiva e consideramos, também, como a principal proposição de trabalho.

Palavras-chave: Enunciação; aforizante; textualizante; máximas.

Abstract: This work has the French Discourse Analysis as theoretical and methodological support, and it is grounded in Dominique Maingueneau hypothesis given in Maingueneau, mainly those ones aimed at understanding the aphorizing. Based on such hypothesis, we try to analyze some of enunciates present in the discursive event of the manuscript entitled “Memória sobre o Plano de Guerra Offensiva e Deffensiva da Capitania de Matto Grosso” (SERRA - 1800), that we present as *corpus*. We restricted our attention mostly to the enunciation/enunciate concept, as well as to the so called highlighted by nature aphorizing concept, that are present in the studied manuscript, and which are taken as target in the performed discursive reflection, that is the main hypothesis in this work.

Keywords: Enunciation; aphorizing; textualizing; maximum.

Introdução

Nossa tomada de campo pelos ensinamentos de Dominique Maingueneau, sobrepostos ao discurso de Ricardo Franco de Almeida Serra, em seu Manuscrito: Manuscrito² Memória

¹ Graduada em Letras (Português-Inglês) pelo Centro Universitário Central Paulista (UNICEP), São Carlos. Atualmente, atua como pesquisadora do LEEDIM/UFSCar.

² Cópia digitalizada do documento manuscrito “Memória Sobre o Plano de Guerra Offensiva e Deffensiva da Capitania de Matto Grosso”, digitado, originalmente, como cópia fac-similar da edição semidiplomática, que contemporiza a forma de leitura e interpretação do original do referido manuscrito. Em: Andrade, Elias Alves

Sobre o Plano de Guerra da Capitania de Matto Grosso, em 1800, dá-se pela necessidade de uma atenta escuta às hipóteses desse autor, que aplicadas aos mais diversos gêneros discursivos nas mais diferentes épocas, sempre promove expectativas de grandes conquistas. Não com o objetivo de apenas testar as proposições dele, mas, com a consciência de que quanto mais praticada, toda e qualquer teoria, mais propostas emergirão e, novas respostas surgirão, corroborando, assim, com a evolução da disciplina Análise do Discurso.

Iniciaremos nossa implementação, como já dissemos anteriormente, com a apresentação das propostas teóricas de Dominique Maingueneau, num recorte bem delimitado sobre “enunciação”, “destacamento” e enunciação aforizante, aplicados ao estudo linguístico da fala do Tenente Coronel Engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra, apresentada em seu manuscrito.

Tomamos como *corpus* empírico desta análise, o manuscrito “Memória sobre o Plano de Guerra Offensiva e Deffensiva da Capitania de Matto Grosso”, do Tenente Coronel Engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra (doravante citado como Ricardo Franco), oferecido ao então Governador e Capitão General da Capitania de Matto Grosso, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, escrito no Forte Coimbra em 31 de Janeiro de 1800, Capitania de Mato Grosso. Seu original pertence ao Arquivo Público do Estado de São Paulo, do qual será apresentada neste trabalho, para o estudo proposto, parte da cópia da edição semidiplomática.

O referido manuscrito tem como objetivo discutir a manutenção e a defesa das fronteiras do território do Brasil-colônia, mais precisamente da Capitania de Mato Grosso, e ali ficaram registrados feitos da história do final do período colonial brasileiro (1700 a 1822), embora não faremos aqui uma abordagem analítica do momento histórico.

Enfoque Teórico

Com base na Análise do Discurso de orientação Francesa, fazemos reverência à primeira formulação da teoria do discurso, formulada por Pêcheux, em 1971:

de. “Plano de guerra da Capitania de Matto Grosso: Janeiro de 1800”/Elias Alves de Andrade, Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida, Roberto Leiser Baronas. – Cuiabá: EdUFMT, 2012; encontram-se, na íntegra, o códice pertencente ao Arquivo Público do Estado de São Paulo – APESP, e as edições fac-similar e semidiplomática do manuscrito em estudo.

As formações ideológicas [...] comportam necessariamente como um de seus componentes uma ou mais formações discursivas inter-relacionadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc) a partir de uma posição dada (MALDIDIER, 2003, p.32).

E, continuando com Michel Pêcheux, em seu artigo 37 de *Langages* (texto III) e em *Semântica e Discurso* (texto IV), temos:

aparece a ideia que as formações ideológicas, como as formações discursivas que lhes estão ligadas, possuem ao mesmo tempo um “caráter regional” e um caráter de classe. O primeiro traço designa a evidência do domínio de especialização: o Direito, a Moral, o Conhecimento, Deus etc. O segundo remete a posição nas relações de produção. Assim se explica, segundo a célebre fórmula, que as palavras mudam de sentido segundo as posições mantidas por aquele que as empregam ou, para dizer de outro modo, de uma formação discursiva a outra (MALDIDIER, 2003, p. 64-65).

Em, “Memória sobre o Plano de Guerra Offensiva e Deffensiva da Capitania de Matto Grosso” (SERRA, 1800), buscamos e encontramos, também, de acordo com sua formação ideológica, várias formações discursivas, em que temos aspectos sócio-históricos dos povos portugueses, espanhóis, índios, e negros. Dos militares e funcionários públicos, dos fazendeiros, dos comerciantes, dos escravos; de todos que de uma forma ou de outra participaram do momento histórico. Para cada situação, para cada grupo há uma característica, uma forma de tratamento, de discurso que se *destacam*, que *sobressaem* dos texto. São detalhes, nem sempre explícitos, que aguçam, estimulam a busca, a garimpagem de expressões reveladoras de sentidos para a as análises discursivas. Observando as manifestações discursivas do manuscrito em questão, neste momento, focaremos, apenas, os objetivos propostos inicialmente. Acerca de enunciação, Dominique Maingueneau, a partir de Benveniste, a nós apresenta assim, de forma didática e esclarecedora, a teoria base (inicial) do que é enunciação:

A enunciação é classicamente definida, após Benveniste, como a colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização (1974, p.80). Ela opõe-se, assim, ao enunciado como o ato distingue-se de seu produto. [...] Uma das contribuições fundamentais da reflexão sobre a enunciação linguística foi a de por em evidência a dimensão reflexiva da atividade linguística: o enunciado apenas se refere ao mundo refletindo o ato de enunciação que o encerra. [...] A enunciação constitui o pivô da relação entre a língua e o mundo: ela permite representar no enunciado os fatos, mas ela constitui em si um fato, um acontecimento único, definido no tempo e no espaço (MAINGUENEAU, 1998, p.52-54)

Numa análise inicial, buscando a *enunciação* na sua manifestação clássica, como Benveniste a definiu inicialmente, um ato individual que põe a língua em funcionamento, e como produto desse ato, obtém-se o enunciado. Ao que Maingueneau completa com a hipótese fundamental da função reflexiva que ela exerce em seu produto: o enunciado; consideramos, pois, que o Manuscrito em análise trata-se, portanto, de um clássico enunciado. Em outras palavras, produto da enunciação de Ricardo Franco: o manuscrito “Memória Sobre o Plano de Guerra Offensiva e Deffensiva da Capitania de Matto Grosso”.

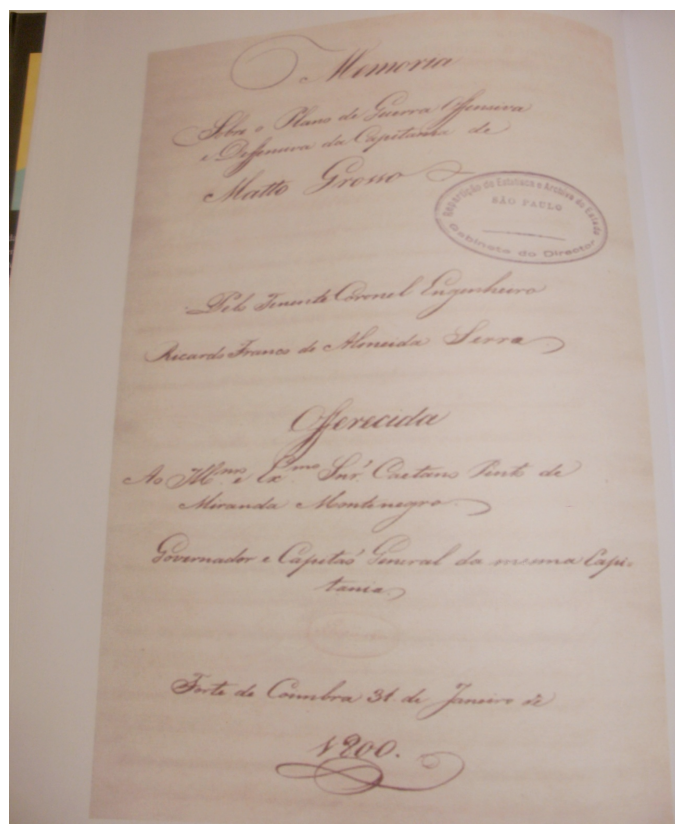


Figura 1 – Imagem³ de uma lauda do códice pertencente ao Arquivo Público do Estado de São Paulo. Observemos, portanto, um excerto dessa enunciação:

Memória⁴

³ Imagem da edição semidiplomática do manuscrito “Memória Sobre o Plano de Guerra Offensiva e Deffensiva da Capitania de Matto Grosso.”, cópia, portanto apógrafo, originalmente escrito pelo Tenente-coronel Engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra, em 31 de janeiro de 1800, no Forte Coimbra, Capitania de Mato Grosso, oferecida ao Governador e Capitão-general da Capitania de Mato Grosso, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, códice pertencente ao Arquivo Público do Estado de São Paulo.

⁴ Edição fac-similar do documento manuscrito “Memória Sobre o Plano de Guerra Offensiva e Deffensiva da Capitania de Matto Grosso”, digitado, originalmente, como cópia fac-similar da edição semidiplomática, que

“Sobre o plano de Guerra Offensiva
e Deffensiva da Capitania de
Matto Grosso
Pelo Tenente Coronel Engenheiro
Ricardo Franco de Almeida Serra.

Offerecida
Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Caetano Pinto de
Miranda Montenegro.
Governador e Capitão General da mesma Capi=
Tania.

Forte de Coimbra 31, de janeiro de
1800

Illustrissimo e Excellentissimo
Senhor. Manda-me VossaExcellencia pela sua Ordem
de 19 de Septembro do passado anno, dar o meu
parecer, e informação, sobre a defesa da Capita=
nia de Matto Grosso, o mais accomodado a Loca=
lidade do Paiz, tendo por principio, o segurar per=
feitamente as communicações entre as suas
principaes partes, quaes são, o Cuiabá, Matto
Grosso, e outros lugares internos, e externos.
Hum plano de Guerra para a Capita=
nia de Matto Grosso, ou sendo defensiva, ou of=
fensiva, demanda essenciaes conhecimentos;
quês são, o Geografico do terreno Limitrofe,
a população do Paiz inimigo, as suas forças,
e recursos, os lugares mais expostos, os que
offerecem livres entradas, e mais próximas cor=
rellações entre os confinantes Estabelecimen=
tos, a segurança destes, e a posse de outros, que
por interessantes possam compensar a despeza de huma
guerra, que sempre deve ter por objecto algum fim u=
til; não só para o estado actual desta Capitania, mas
para a sua futura segurança, e augmento: A qual
confinando com Dominios Espanhoes dez vezes mais
povoados do que Ella, cobre o interior do vastíssimo
Brazil, guardando nos seus vastos Sertoens sabidos
e grandes Tezoiros, e contendo na sua superficie
de quarenta e oito mil léguas quadradas, os nas=
cimentos, e a maior parte do corpo de grandes rios
que com trezentas léguas de curso, vão comnuir no
maximo Rio das Amazonas, e o total de outros
muitos rios, que dão livre entrada, para o centro

contemporiza a forma de leitura e interpretação do original do referido manuscrito. Em: Andrade, Elias Alves de. “Plano de guerra da Capitania de Matto Grosso: Janeiro de 1800”/Elias Alves de Andrade, Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida, Roberto Leiser Baronas. – Cuiabá: EdUFMT, 2012; encontram-se, na íntegra, o códice pertencente ao Arquivo Público do Estado de São Paulo – APESP, e as edições fac-similar e semidiplomática do manuscrito em estudo.

das Capitâneas de São Paulo, e de Goiaz.
E valendo-me das Noções adquiridas pelo
largo espaço de 19 annos de residencia nesta Ca=
pitania...[...] Eu passo, Illustrissimo e Excellentissimo
Senhor segundo os meus limitados talento, a encher da
possível forma. os meu essenciaes, e expostos objectos.[...] (FRANCO,1800).

Temos, no excerto acima, a apresentação do documento/manuscrito, uma amostra da materialização consequente da enunciação: *um enunciado*; repetimos, temos a enunciação de Ricardo Franco sendo concretizada, realizada, materializada neste, assim como em outros tantos enunciados que se expandem ao longo de suas manifestações estratégicas para esse plano de guerra.

A tendência enunciativa despontou na França em meados de 1990, amparada pelas reflexões de Michel Pêcheux, Michel Foucault, Mikhail Bakhtin, Émile Benveniste e Oswald Ducrot. Todos com a preocupação de compreender como certas palavras surgem na mídia e adquirem uma condição de palavra-acontecimento, que se alastra num uso comum de uma determinada comunidade; como que alguns textos também caem no gosto e uso comum e, muitas vezes, tornam-se imortais (as fórmulas, os provérbios, as máximas, etc). Maingueneau propõe que a enunciação se divide em duas ordens do enunciável: “enunciação aforizante” e “enunciação textualizante”. Sendo que a aforizante subdivide-se em: “destacada por natureza” e “destacada de um texto”.

O quadro a seguir, de Maingueneau (2010a, p.13), representa as duas ordens enunciativas propostas por ele:

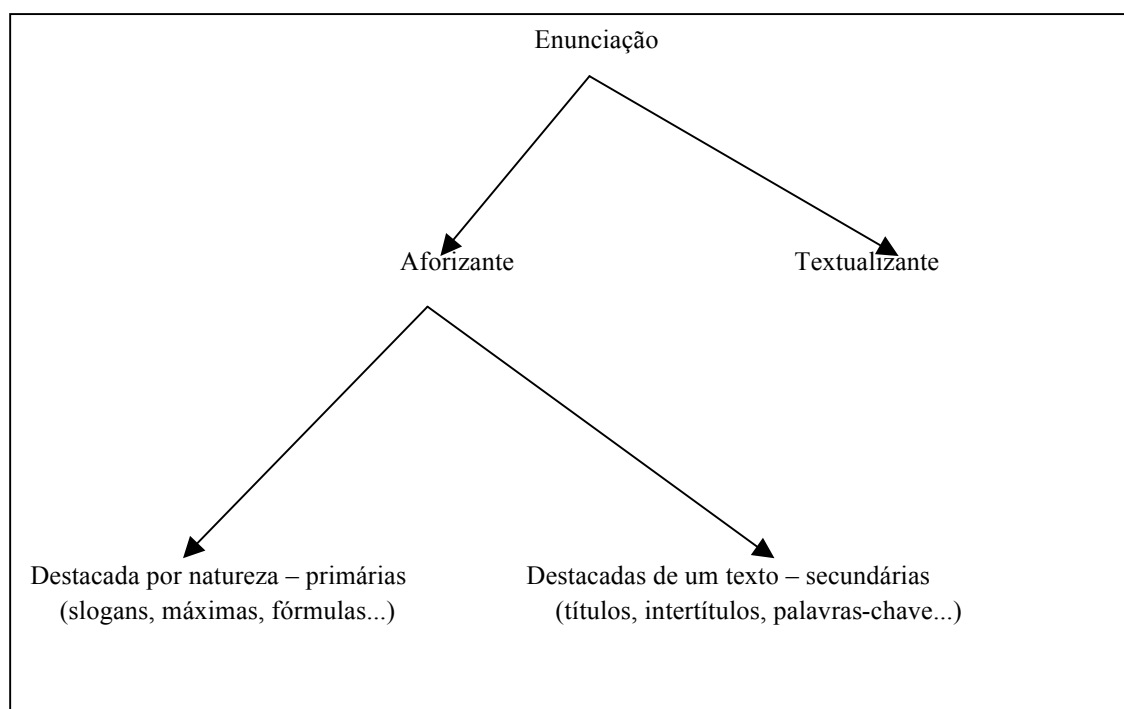


Figura 2 – Esquema vetorial das ordens enunciativas⁵.

A enunciação aforizante, destacada por natureza ou destacada de um texto, difere bastante da enunciação textualizante, não de sistematicidade linguística, mas diferença de ordem enunciativa.

A enunciação aforizante subdivide-se em: “destacada por natureza – primárias (slogans, máximas, fórmulas, etc.)” e “destacada de um texto – secundárias (títulos, intertítulos, palavras-chave, etc.)”, e por vários aspectos, diferenciam-se da enunciação textualizante. Na enunciação aforizante, o enunciador se estabelece como um *“Sujeito jurídico e moral”*, dirigindo-se a uma plateia universal, que se posiciona anteriormente e posteriormente aos limites categóricos dos gêneros discursivos. O aforismo é apresentado pelo locutor como sua sentença própria e soberana, ultrapassando os limites dos jogos de linguagem. O plano enunciativo tende a compor um conjunto de elementos para dele fazer um todo coerente. E, condicionantes, como os gêneros, suporte e modos de circulação, não a comprometem; sem ultrapassar a dimensão propriamente verbal, ela pretende-se como pura fala, despida de qualquer outra interpretação; a memorização é fácil, e portanto, repetível.

Na enunciação textualizante, o locutor e o ouvinte mantêm relação recíproca de papéis específicos de produção e recepção, ajustados conforme a cena genérica. Abarca

⁵ Esquema vertical das ordens enunciativas: o esquema vetorial exemplifica as duas ordens discursivas: aforizante e textualizante propostas por MAINGUENEAU (2010a). Encontra-se também publicado em: BARONAS (2013, p. 86).

modalidades de linguagem como: argumentação, narração, pergunta, resposta, ponderação, etc., expressando relações parciais dentro de cada nível (enunciador e enunciatário). Ela modifica-se de acordo com os gêneros, suportes e modos de circulação; excede a dimensão propriamente verbal, com possível utilização do não verbal. E, conseqüentemente, por tudo isso, a enunciação textualizante não é facilmente memorizável.

No manuscrito de Ricardo Franco, temos, portanto, “enunciação textualizante e, aforizante”. Se por um lado nele temos, em sua maioria, enunciados em que o locutor (Ricardo Franco) mantém seu diálogo dirigido, de forma direta, ao “Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Caetano Pinto de Miranda Montenegro” (enunciatário, Governador de Mato Grosso) e utiliza-se das modalidades de linguagem como narração, argumentação, ponderação, que expressam maneiras de relatar algo ao enunciatário, que assinalam uma enunciação textualizante. Por outro, confirmando a aforizante, temos as máximas; as quais se pode entender como “um enunciado digno de ser consagrado, antigo de direito, novo de fato” (MAINGUENEAU, 2007, p.77)

Em Maingueneau (2007, p.76) temos que: “o caso das ‘máximas’ ou ‘sentenças’, que abundam em inúmeros textos dos séculos XVI ou XVII, por suas propriedades linguísticas, elas se tornam fadadas ao destaque”. São fórmulas com estrutura de exemplaridade; uma enunciação singular, cujo autoposicionamento dêitico caracteriza a autonomia que ela exerce diante de todos os contextos.

Autoposicionada, inatingível tanto em seu significante quanto em seu significado, memorável, a máxima está fadada a se destacar de seu ambiente textual para levar uma vida autônoma, preservada da decomposição, do esquecimento. Ela pode ser gravada em pedra, em bronze, passar de um texto a outro (MAINGUENEAU, 2007, p.79).

Utilizando-se das “máximas”, Ricardo Franco, assim argumenta:

[...] E cigindo=me a máxima geral, de que
para as bem acertadas medidas de huma guer=
ra, se deve considerar sempre o inimigo cheio
de valor, e actividade, vigilante, e attento em
aproveitar as circunstancias, que o tempo,
o terreno, e as conjuncturas lhe offerecem;

ocultando cuidadoso o seu plano, em que
parece vacilar, para que illudindo desta
forma as prevenções contra elle toma=
das, possa em huma occasião favorável
dirigir-se vigorosamente ao fim que preme=
dita conseguir (Franco- 1800) - grifos nossos.

Com base ainda em Maingueneau (2012), podemos perceber no fragmento supracitado, do manuscrito Memória, que a “máxima”, ou o “enunciado destacado por natureza”, por suas características linguísticas de confiabilidade e exemplaridade, certifica que Ricardo Franco (enunciador) enuncia seus planos de guerra, fortalecido pela maneira clara e conselheira passada pela “máxima” ao interlocutor: [...] “E cigindo=me a máxima geral, de que”... (grifo nosso). Trata-se aqui da fala de um estrategista, articulador, que busca confiança e domínio e que dispõe de bons meios de argumentação em defesa de seu plano de guerra, favorecido por essa formação discursiva, “a máxima” que naturalmente se destaca e induz à aceitação de uma tese e ou à conclusão geral e final de seu discurso.

Em Baronas (2013, p.87), nas enunciações aforizantes primárias, “não há um Sujeito particular..., mas o locutor ganha autoridade porque põe em cena, na sua fala, uma instância enunciativa denominada hiperenunciador, com que o enunciador mostra estar de acordo”. Neste caso, Ricardo Franco assume o status de hiperenunciador, enunciando uma fala que não é sua, mas que ele aprova, e utiliza-a como se fosse.

Concluindo, ressalto que me valho aqui, principalmente, das ponderações teóricas de Dominique Maingueneau, mas sem esquecer-me de grandes teóricos antecessores, Michel Pêcheux, Michel Foucault, Mikhail Bakhtin, Émile Benveniste, Oswald Ducrot, dentre outros, que numa tomada de relevantes posições teóricas, deram início aos “sempre inacabados estudos da análise do discurso”. Apoiando-me também, nos posicionamentos teóricos de estudiosos atuais, para finalizar, valho-me da fala de Baronas (2012, p.397): “...trabalhar no âmbito do discurso não significa realizar um trabalho de análise de um objeto empírico dado a priori, mas, na própria análise, colocar à prova os conceitos mobilizados, fazendo-os ranger.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, E. "Plano de Guerra da Capitania de Matto Grosso; janeiro de 1800". Cuiabá: EdUFMT, 2012.

BARONAS, R. L. Enunciação Aforizante: estudo discursivo sobre pequenas frases na imprensa cotidiana brasileira. São Carlos: EdUFSCAR, 2013.

BENVENISTE, E. (1970). "O Aparelho Formal da Enunciação". In: Problemas de Linguística Geral II. Campinas, Pontes, 1989.

MALDIDIER, D. "A inquietação do discurso – (Re)ler Michel Pêcheux Hoje". Eni P. Orlandi (Trad.) Campinas: Pontes, 2003.

MAINGUENEAU, D. Termos-chave da análise do discurso. (Trad.: Márcio Venício Barbosa, Maria Emília Amarante Torres Lima) Belo Horizonte: UFMG, 1998.

_____. Citação e destacabilidade. In: MAINGUENEAU, D. Cenas da enunciação. Org. Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva (Org.). Curitiba: Criar Edições, 2007.

_____. Aforização: enunciados sem texto? IN: MAINGUENEAU, D. Doze conceitos em análise do discurso. São Paulo: Parábola Editorial, 2010a.

PAULA, L. e STAFUZZA, G. Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas. IN: Contribuições de Dominique Maingueneau à Análise do Discurso. Uberlândia: EDUFU, 2010.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.